

DA FALANGE À MODERNA DIVISÃO

"La tactique change tous les dix ans..."

NAPOLEÃO

LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO
Capitão de Artilharia

As flutuações no panorama geopolítico internacional, e a evolução desenfreada da ciência e da técnica resultam na integração de novas armas e equipamento e modificam a natureza da guerra. Em consequência, uma constante revisão e atualização da estrutura básica das Forças Armadas se faz mister. Se atentarmos para a História Militar, verificaremos que as características e o organismo dos exércitos, através dos tempos, têm experimentado ininterruptas transformações, graduais e progressivas. Retratando a cultura de diferentes eras, os exércitos passam por fases sucesivas e distintas, e podem ser classificados pelo elemento em torno do qual se constituem. Assim, embora admitamos que o homem — a máquina pensante — seja onipresente, distinguiamos o período do infante, das tropas montadas e dos engenheiros bélicos.

Na antiguidade os exércitos eram organizados à base do soldado a pé, armado com dardo ou espada e escudo. No berço da civilização ocidental, as primitivas grandes unidades foram a conhecida falange grega e a histórica legião romana. De origem espartana, constituída unicamente de infantaria emmassada em quadrado (sintagma), no qual dezesseis homens marchavam ombro a ombro em dezesseis colunas, a falange caracteriza a organização militar grega, do período helênico ao macedônio. Limitados elementos montados atuavam em seus flancos. As funções tático-administrativas cabiam ao exército. Na antiga Roma a legião, que nasceu da centúria (100 guerreiros a pé), sofreu várias alterações, de acôrdo com a época e o caráter belicoso dos chefes romanos, e atingiu o apogeu com Júlio Cesar, quando foram introduzidas em seus quadros tôdas as armas. Data daí o aparecimento das máquinas de atirar flechas (balistas) e pedras (onagres), as reais precursoras da artilharia. Quatro legiões formavam um exército.

No século XIII, surge Gengis Khan, com suas hordas quase completamente montadas, e põe em relêvo a cavalaria. Um exército era composto de três "toumans"; e êste, de dez regimentos. O regimento subdividia-se em dez esquadrões, cada um a dez pelotões que, por sua vez, compreendiam grupos de dez homens. Como vemos, a organização militar do legendário conquistador mongol alicerçava-se no sistema decimal. O "toman" pode ser considerado como o predecessor da divisão de cavalaria, apesar de os encargos administrativos permanecerem fora de sua alçada, confiados ao exército.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-48) assinala um ponto de inflexão na supremacia da cavalaria. Os cavalarianos, munidos somente de lanças,

não podiam enfrentar os infantes com mosquetes; pois, enquanto a infantaria infligia consideráveis baixas ao inimigo a distâncias razoavelmente longas, a cavalaria era forçada a estabelecer contato físico com o adversário, para lograr êxito. Desta maneira, as formações de infantaria voltaram a desempenhar papel primordial no combate. Entretanto, a cavalaria continuou proporcionando cobertura ao combatente a pé. Em síntese, era o emprêgo das armas de fogo a imprimir nova feição à tática e organização mantidas desde séculos anteriores.

No princípio do século XVII, GUSTAVO ADOLFO, Rei da Suécia, organizou o primeiro exército em brigadas, batalhões e companhias. A maior parte de seus exércitos era integrada por infantes, embora desse ênfase à artilharia e chegasse mesmo a fazer uso de seis peças leves para cada mil soldados. Com GUSTAVO ADOLFO aparece uma nova formação tática — a linear. Sua teoria preconizava o desdobramento de duas linhas de tropas a pé, em ampla frente, cobertas por cavalaria nas alas, e reforçadas por uma terceira em reserva, predominantemente a cavalo. Após a ruptura das linhas adversárias, executada pela infantaria, usava a cavalaria na exploração do êxito, tirando proveito do princípio de mobilidade e capacidade de manobra. A artilharia, ocupando posições nos flancos e a frente, tinha por missão dar apoio de fogo às posições defensivas e desmoralizar o inimigo. A engenharia era utilizada para construir fortificações e preparar posições de bateria. Todavia, as obrigações administrativas permaneceram afetas ao escalão exército.

FREDERICO, o Grande (Rei da Prússia), célebre como tático — por explorar o emprêgo combinado das armas — retinha em seu quartel-general as atribuições administrativas, e confiava à tropa somente a função executiva.

Ê de FREDERICO, o Grande, a máxima — “quem divide suas forças será batido por partes”. Aqui surgem as mudanças de formação em combate e a “ordem oblíqua”. Nesta quadra a baioneta no fuzil substitui o pique e a artilharia toma notável incremento. A linha de ação de FREDERICO, o Grande, resumia-se em lançar uma preparação de artilharia com a finalidade de destruir fortificações e enfraquecer os pontos de resistência, findo o que tinham lugar cargas de cavalaria, seguidas de ondas de assalto de infantaria que aniquilavam os remanescentes das forças hostis. E, assim, com a ação de choque da arma ligeira evidenciada nos campos-de-batalha a cavalaria ressurgiu.

Nos meados do século XVIII, o francês MAURICE DE SAXE apresentou a primeira versão da moderna organização divisionária, empregando uma GU com funções tático-administrativas e integrada de cavalaria, infantaria, artilharia e elementos de serviços. A divisão era formada de duas brigadas de infantaria, uma de cavalaria e unidades de artilharia. Esse tipo de organização era tido como auto-suficiente, capaz de apoiar suas próprias ações e de concentrar-se rapidamente para o combate. Um conjunto de divisões mantinha uma “linha estratégica”.

As mudanças mais significantes na conceituação das organizações militares foram iniciadas por NAPOLEÃO, no final do século XVIII, quando deu às armas (infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia) uma estrutura divisionária com esfera de ação tático-administrativa. As divisões foram grupadas em corpos-de-exército e estes em exércitos.

Com a Guerra da Secessão norte-americana são trazidos à tona novos princípios táticos, mas ao mesmo tempo são mostradas falhas na adoção da nova organização divisionária. Todavia, ao entrar na I Guerra Mundial, os Estados Unidos estruturaram suas forças segundo divisões, corpos-de-exército e exércitos. A divisão norte-americana, em 1914, era constituída de duas brigadas de infantaria, a dois regimentos cada uma. Com um total de quatro RI — dois em primeira linha e dois em reserva — a divisão era mais conhecida como a “quaternária”. Disponha também de uma brigada de artilharia com dois regimentos de artilharia de campanha leve e um médio, cada um a dois grupos. Ademais, a divisão contava ainda com unidades especializadas e órgãos de apoio logístico. O efetivo da divisão “quaternária” era aproximadamente de 27.000 homens, o que a tornava pesada. Enquanto isso, algumas nações européias lançavam a divisão “ternária” na base de três regimentos de infantaria, a três batalhões cada um. Quatro grupos, três leves e um médio — constituíam a artilharia divisionária. A DI “ternária” se desdobrava com dois regimentos em primeira linha e o terceiro em reserva. Seu efetivo oscilava em torno de 16.000 homens, possuía maior potência de fogo e mobilidade, requeria menos espaço para manobrar e era controlada mais facilmente do que a “quaternária”.

No intervalo entre a I e a II Guerra Mundial, importantes progressos foram alcançados no material bélico em geral. Os arsenais fabricaram canhões de tiro rápido autopropulsados. Novos tipos e calibres de armas automáticas apareceram. Carros-de-combate pesados, artilhados com canhões de grande calibre e alta velocidade inicial, e blindados, oferecendo maior proteção e mobilidade ao combatente, surgiram como verdadeiras novidades na época. A mobilidade e a potência de fogo, características imprescindíveis em quaisquer operações táticas, atingiam assim o seu clímax na História. É nesta oportunidade que o poderio aéreo tático e estratégico se põe em evidência:

No começo da guerra de 1939-45, a Alemanha coloca em cena uma nova tática — a “blitzkrieg” (emprêgo conjunto de pesadas unidades blindadas e bombardeiros de mergulho “stukas”). É, mais uma vez, a introdução de modernas armas e princípios táticos determinando uma atualização da ultrapassada organização de 1914-18, para fazer face aos aperfeiçoamentos que dão outra moldura ao quadro da guerra. Desta forma, ao iniciar-se a década de 40, o exército norte-americano adotou a estrutura “ternária” e procedeu à reorganização de suas divisões. A potência de fogo conferida às suas grandes unidades era bem maior do que a das suas congêneres européias. Com a estrondosa vitória obtida pelos aliados ao final da guerra, ficou patenteado que a organização

“ternária” era, na verdade, a mais indicada dentro das condições então existentes.

A explosão atômica de Hiroshima e Nagasaki e o posterior desenvolvimento dos implementos termonucleares vieram mostrar a necessidade de se encontrar uma outra organização, que atendesse às suas aplicações táticas e contrabalançasse suas ameaças e presumíveis efeitos. Antevendo o campo-de-batalha do futuro como palco para a apresentação de armas termonucleares, evidentemente grandes concentrações de material e pessoal seriam alvos primários de ataques atômicos. Portanto, impunha-se, como requisito essencial, que se mudasse a fisionomia do campo-de-batalha de amanhã, imprimindo-lhe grande amplitude, profundidade e porosidade. A convergência de reservas em um determinado ponto e o engarramento de veículos nos eixos de suprimento deveriam ser evitados. Contrariando o habitual, as operações deveriam ser conduzidas por pequenas unidades de infantaria e de blindados, muito bem armadas, apoiadas por artilharia potente que cumprisse missões semi-independentes, sem oferecer um alvo compensador ao inimigo. O poder combativo seria obtido pela combinação de potência de fogo e mobilidade aplicadas em proporções adequadas no momento e local exatos. Assim, nasceu o conceito da divisão “pentômica”, que estava predestinada a uma vida efêmera.

Mas nenhuma estrutura pode ser considerada como a última palavra sobre o assunto. O obsoleto deve sempre dar lugar ao atual. À medida que os ponteiros do relógio avançam, marcando a evolução normal da cultura humana, a organização militar deve acompanhá-los no mesmo ritmo, sob pena de tornar-se arcaica da noite para o dia. Desta maneira, diversos fatores, entre os quais as hipóteses formuladas de aparecimento de novos teatros-de-operação com características próprias e variadas, até então tidos como inadmissíveis e secundários, deram outra indumentária à guerra, fazendo com que o conceito “pentômico” fôsse postergado e germinasse a idéia de uma moderna divisão. As divisões tradicionais eram bitoladas por quadros de organização e distribuição rígidos. Embora, tôdas as DI fôssem semelhantes assim como tôdas as DB tivessem o mesmo arcabouço, as unidades de uma DI diferiam daquelas que constituíam uma DB. A cada tipo de divisão impunha-se um treinamento especial, acarretando um incômodo fardo à instrução e ocasionando, normalmente, uma preparação desequilibrada do pessoal — excesso em certa especialidade e falta em outra. A padronização da instrução era impossível. Apesar da divisão “ternária” ter participado da II Guerra Mundial com resultados satisfatórios, a sua estrutura era por demais rígida para atender ao crescente grau de flexibilidade que a guerra de hoje reclama. O princípio de Grandes Unidades estereotipadas não mais pode ser aceito na presente conjuntura mundial.

A impressão dominante entre muita gente, inclusive militares, é que o emprêgo de divisões se limita exclusivamente ao combate clássico na guerra convencional. Confudo, a guerra “fria” criou inúmeras situações

bem diversas que obrigam as divisões a estarem preparadas para conduzir os mais heterogêneos tipos de operações, sem perda de tempo. Como exemplo de ações desta natureza, pode-se citar o desembarque inesperado da 24ª DI norte-americana no Líbano, a pedido do governo libanês, para impedir que forças estrangeiras ocupassem aquela região do Oriente Médio. Aí está configurada uma nova modalidade de emprego — ação dissuasória — que não pode ser exercida sem que a tropa designada para tal esteja realmente credenciada material e psicologicamente. A moderna divisão sem descurar-se da missão precípua que lhe cabe de fazer a guerra tradicional, concomitantemente, precisa estar capacitada a adaptar-se às múltiplas condições e situações que venha a se defrontar na eventualidade. Tanto pode ser empregada isolada ou como parte de uma grande força. A divisão hodierna deve estar pronta a, de um momento para o outro, efetuar demonstrações de força, assegurar armistícios firmados, exercer ação de polícia internacional, encorajar governos vacilantes, ocupar legal e militarmente determinadas áreas, restaurar e manter a ordem pública, proteger bens públicos e populações civis, dar assistência aos esforços de defesa civil.

A moderna doutrina divisionária adotada pelas nações integrantes da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) é produto do exército dos Estados Unidos, tendo em vista a posição atual daquele país no mundo, os pactos e acordos internacionais assinados e a sombra de conflito que paira em suspenso ameaçando a segurança e a paz mundial. Para enfrentar qualquer emergência, em qualquer parte do globo, em qualquer tipo de terreno e clima, em quaisquer condições, ao menor sinal de alerta, é que os norte-americanos resolveram optar por tal organização. Destas exigências foi que floresceu a concepção de uma estrutura que não é inteiramente nova mas que teve ponto de partida em suas antecessoras mais próximas — especialmente, na divisão blindada do final da II Guerra Mundial.

Em linhas gerais a missão de uma divisão em combate é a destruição do inimigo, a conquista e o controle de setores críticos, populações e recursos essenciais. Agora, com vistas aos objetivos anteriormente fixados, deve-se acrescer a este conceito o de atuar em qualquer ocasião, dentro das mais variadas e adversas condições e situações. Para tal, na montagem estratégica das forças terrestres, devem ser levados em conta os necessários meios de transporte que assegurem, para as suas G U, mobilidade e proteção suficientes em qualquer campanha. A organização final de cada divisão será ditada pela missão específica que receber no momento do emprego.

A atual doutrina prevê diferentes tipos de divisões: *blindada* e *mecanizada* onde a mobilidade e a ação de massa se fizer mais efetiva, de *infantaria* para operações em terreno acidentado e selvas, e *aeroterrestre* completamente aerotransportada para ser lançada onde as demais não puderem atuar. Entretanto, o que caracteriza a divisão como sendo de infantaria, blindada, mecanizada ou aeroterrestre é o tipo de unidade

combatente que predomine em seus quadros. O que define a divisão mecanizada é ter a sua infantaria cem por cento mecanizada. A cada divisão é admissível se fundir tipos heterogêneos de unidades, contudo, para darem cumprimento a missões especiais. A única exceção a esta norma é feita à divisão aeroterrestre que se vê restrita somente às unidades orgânicas, uma vez que a adição de outras ao seu efetivo, devido ao peso e volume do material, alterariam suas principais características.

A moderna divisão, criada para atender a imposições de ordem estratégica, qualquer que venha a ser a sua denominação, em síntese, estrutura-se sobre um tripé relativamente inalterável que compreende o comando e estado-maior, unidades de apoio logístico e administrativo e unidades de apoio de combate. Esta raiz é comum a todos os tipos de divisão. Em torno do "tripé" se aglutinam então os batalhões de infantaria ou de carros, ou, um misto dos dois, no número que se fizer necessário. Cada divisão é capaz de enquadrar e controlar um máximo de quinze batalhões de combate. O seu efetivo soma 15.000 homens. A grande novidade, que, na verdade, não chega a constituir uma inovação, pois que a DB na II Guerra Mundial já adotava algo semelhante, é a introdução de três comandos de brigadas.

As vantagens que esta moderna organização trouxe são inúmeras. Entretanto, o alto grau de padronização alcançado no elemento básico merece ser apontado como a maior vantagem que proporciona. O emprêgo de uma "base" comum a qualquer tipo de divisão, fazendo variar o número e proporção de batalhões de infantaria e de carros, veio permitir que a G U pudesse adaptar-se para atender aos múltiplos requisitos das operações. Além disso, a nova doutrina divisionária traz a vantagem de proporcionar mais economia de meios e assegurar uma única estrutura com ligeiras modificações para satisfazer as complexas condições e conduta do combate. Este sistema aumenta a flexibilidade, possibilidade de intercâmbio de meios e adaptabilidade das divisões. O treinamento do pessoal ficou em muito facilitado. A flexibilidade inerente desta doutrina deu às divisões uma capacidade de integrar novas armas e equipamento sem maiores modificações na sua estrutura e emprêgo. O aumento ou redução de efetivos, conforme a situação exija, proporcionou às divisões com missões específicas em determinados setores melhores condições de ajustamento.

Conclui-se pois que a divisão atual é de fato uma força auto-suficiente tática e administrativamente.

Do exposto, depreende-se que jamais se poderá afirmar que esta ou aquela organização é a melhor, a última palavra ou a solução definitiva para os exércitos. Não resta dúvida, que hoje se trabalha planejando a longo alcance e que as previsões são essenciais em qualquer atividade; contudo, o futuro é e será sempre uma incógnita. Somente de uma coisa se pode estar certo, qualquer que seja a evolução que se imprima à arte da guerra — o homem continuará a ser o elemento fundamental.